

Relato de experiência de leitura partilhada entre uma professora em formação e um aluno com Síndrome de Ásperger em sala de recurso<sup>1</sup>.

Reading experience report shared between a teacher in training and a student with Asperger Syndrome in a resource room.

Lorena Goulart Lopes<sup>2</sup>  
Carla Regina Rachid Otavio Murad<sup>3</sup>

Recebido em: 15/08/2020

Aprovado em: 25/09/2020

Publicado em: 30/09/2020

**Resumo:**

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre uma atividade de leitura partilhada com um aluno diagnosticado com Síndrome de Asperger na sala de recursos de uma escola pública. Questões de educação inclusiva, formação inicial de professores, mediação e leitura compartilhada foram mobilizadas. O relato se consolidou após 5 sessões de leitura compartilhada do livro “O estranho caso de cachorro morto” de Mark Haddon (2003) durante o Atendimento Educacional Especializado no contraturno. A experiência propiciou conclusões tais como: a compreensão da extensão do autismo para uma professora em formação inicial, a capacidade de enxergar-se como indivíduo acima do rótulo de diagnóstico e os benefícios interacionais possibilitados pela leitura partilhada.

**Palavras-Chave:** Leitura partilhada, Formação de professores, Síndrome de Ásperger, Ensino Fundamental II.

**Abstract:**

The objective of this work was to reflect on a reading activity shared with a student diagnosed with Asperger's Syndrome in the resource room of a public school. Issues of inclusive education, initial teacher training, mediation and shared reading were mobilized. The report was consolidated after 5 sessions of shared reading of the book “The strange case of a dead dog” by Mark Haddon (2003) during the Specialized Educational Service in the evening. The experience led to conclusions such as: the understanding of the extent of autism for a teacher in initial training, the ability to see herself as an individual above the diagnostic label and the interactional benefits made possible by shared reading.

**Keywords:** Shared reading, Teacher training, Asperger's Syndrome, Elementary School II.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina Trabalho de conclusão de curso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva.

<sup>2</sup> Docente do Ensino Fundamental 2 na rede municipal de Guapiaçu (SP) e do Ensino Médio na escola pública do estado de São Paulo. Graduada em Letras (português/inglês) pela UFTM, E-mail: lopesgoulartlorena@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1833-3343>

<sup>3</sup> Docente de língua inglesa do curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e docente credenciada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da UFTM. Graduada em Letras-Tradução Inglês (UnB), Mestre em Linguística Aplicada (Unicamp) e Doutora em Estudos Linguísticos (UFU). E-mail: carlamurad@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8965-2624>

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

## **Introdução**

Na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008), a Resolução CNE/CP nº 1/2002, estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Tal normativa prevê que as instituições de ensino superior projetem uma organização curricular para a formação docente atenta à diversidade, que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

No presente trabalho busco por meio do relato de experiência discorrer sobre uma quebra de paradigma na minha formação inicial em relação ao currículo do curso de graduação em Letras realizado por mim entre 2013 e 2018. Apesar do referido currículo não priorizar disciplinas de educação inclusiva, muito me inquietava a questão da inclusão escolar de alunos autistas. Para lá de uma questão incidental, meu interesse surgiu durante a participação no Programa de Iniciação à Docência ou PIBID Língua Portuguesa, ocasião em que me deparei com alunos autistas frequentando classes regulares nas escolas parceiras do projeto.

Para embasar o relato da intervenção proposta no projeto de Trabalho de Conclusão do Curso (MURAD; LOPES, 2018), me respaldo na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a qual tem amparado meu percurso de pesquisa de modo a ampliar o entendimento de “formação inicial”, “professora” e “graduação”. Em primeiro lugar, formação inicial e graduação passaram a significar formação para pesquisa e construção de conhecimento, e, muito mais do que professora, me identifico como educadora.

Segundo o referido documento, “a formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio-cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista” (p. 2). Assim, como medida para dirimir falhas curriculares (con)formadoras, me propus a traçar o caminho de pesquisadora de práticas pedagógicas inclusivas para autistas com base na concepção de mediação proposta por Vigotski e de interação com textos conforme Bahktin e Galdi.

Nesta perspectiva, voltei novamente à leitura do documento oficial para encontrar uma possibilidade de ensinar língua portuguesa por meio de experiências concretas de

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

leitura. A ideia foi construir um projeto de intervenção pedagógica com foco no desenvolvimento das relações sociais e estímulo à comunicação do aluno em questão, buscando oportunizar “novas experiências ambientais, sensoriais, cognitivas, afetivas e emocionais” (SANTOS, 2014) a ambos.

Escolhi trabalhar com um tipo específico de aluno relacionado nos grupos predestinados ao projeto de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, um aluno com Transtorno do Espectro Autista diagnosticado com Síndrome de Ásperger, matriculado na oitava série do Ensino Fundamental II de uma escola pública do interior do Triângulo Mineiro. Esse relato consistirá na exposição de uma experiência de leitura de um livro de ficção intitulado “O estranho caso do cachorro morto de Mark Haddon” (2003) em cinco (5) encontros com esse aluno na sala de recurso da escola.

### **O aluno ásperger na escola regular**

Antes do desenvolvimento da pesquisa não entendia que havia um espectro do autismo e que este teria várias escalas. Não tendo conhecimento o suficiente sobre o assunto, tinha como estereótipo um aluno autista do tipo clássico, isto é, que não sabia se comunicar, tivesse crise várias vezes ao dia, alguém que machucasse a si próprio e aos outros. Por meio da realização da pesquisa com esse tipo de aluno, pude obter conhecimentos que ajudaram na quebra de paradigmas e pré-conceitos, a partir do explica Klin sobre a síndrome:

A síndrome de Asperger (SA) caracteriza-se por prejuízos na interação social, bem como interesses e comportamentos limitados, como foi visto no autismo, mas seu curso de desenvolvimento precoce está marcado por uma falta de qualquer retardo clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem, no desenvolvimento cognitivo, nas habilidades de autocuidado e na curiosidade sobre o ambiente (KLIN, 2006, p.02).

O aluno participante da pesquisa, que denomino de Pedro neste relato, tem diagnóstico de autista do tipo Ásperger desde a infância, é verbal, tinha 13 anos na ocasião da pesquisa e frequentava a oitava série da escola regular. Com base nos grifos destacados na citação anterior, a meu ver, Pedro não parecia ter prejuízos na interação social, uma vez que conversávamos sobre diversos assuntos como cachorros, porquinho

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

da Índia, sua rotina em casa, no judô etc. Apesar disso, Pedro afirmava que tinha poucos amigos na escola.

Em relação aos interesses e comportamentos limitados, também não foi a imagem de déficit que Pedro me passou. Ele demonstrava ter diversos interesses por animais, esporte, jogos, desenhos como os de qualquer outra criança. E quanto aos comportamentos limitados, ele também quebrava essa barreira, percebi isso em diversos momentos, mas há dois que merecem ser citados: quando Pedro repetia várias vezes a mesma coisa e percebia isso, ele dizia para si mesmo “Chega, acabou, já falei”, se auto censurando quando sentia que falava demais ou ultrapassava algum limite na relação professor-aluno, o que mostra um alto potencial para a auto-regulação e controle de si.

Em relação ao olhar do autista, é comum na literatura sobre características específicas, a dificuldade de fazer o contato ocular e manter o contato. Durante uma das sessões, iniciamos uma conversa sobre isso, possibilitada por uma parte do livro em que o personagem principal diz que seu pai deu a ele a notícia sobre o falecimento de sua mãe, sem olhar em seus olhos.

PI: E você viu que quando o pai de Christopher vai avisar que sua mãe está no hospital, o pai não olha nos olhos dele mas o menino diz gostar que o pai fale com ele sem olhar em seus olhos? Porque você acha que ele gosta disso?

(Diante desta pergunta, Pedro ficou calado)

PI: Quando você conversa com a sua mãe, ela te olha nos olhos?

P: Sim!

PI: E quando ela não olha? Você não gosta?

P: Não, porque quando eu vou conversar com a minha mãe ela me olha nos olhos, só que quando eu converso com ela eu não olho nos olhos dela.

PI: E porque você não olha nos olhos dela?

P: Acho que deve ser que eu não tenho muito costume de olhar nos olhos...

PI: Você não gosta de olhar nos olhos?

P: Gosto, mas parece que desde pequeno eu peguei o costume de olhar pro chão.

PI: Mas você se sente mal quando outra pessoa fica olhando nos seus olhos?

P: Na verdade, eu nem olho pra pessoa então não a vejo me olhando... Mas as pessoas que eu conheço, de uma categoria de terceira, de um certo ponto, aí eu olho nos olhos. Mas a partir de hoje eu vou começar a olhar nos olhos das pessoas porque tenho que

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

acabar com esse costume de não olhar olho no olho. Eu não olho nos olhos da minha família para falar com eles e só olho no chão enquanto eu estou falando com eles. E eu acho que faço isso porque quando eu era pequeno eu fazia isso bastante aí depois eu peguei essa mania de muito tempo e estou com isso até hoje.

PI: E o que você acha que aconteceria se começasse a se forçar a olhar pra alguém quando está conversando?

P: Eu estou tentando me esforçar o máximo possível e acho que estou dando um novo passo. Mas estou nervoso com essa questão.

PI: Porque?

P: Porque quando você faz essas perguntas difíceis eu começo a disparar, pensar muito... Igual ao Christopher. Quando estou olhando nos olhos dos outros, eu começo a sentir confiança, começo a sentir que estou dando um novo passo na minha vida e que estou aprendendo isso. Mas eu me sinto um pouco incomodado de ficar olhando nos olhos de alguém por muito tempo. Então eu acho que o personagem se sente incomodado de olhar nos olhos do pai, assim como eu.

Através deste trecho de conversa em uma das sessões de leitura mediada tive vários insights: houve compreensão, associação de ideias, análise e abstração da atitude e posterior generalização de uma situação para a outra uma vez que o aluno foi capaz não só de entender o tema deste trecho do livro e relacioná-las com suas vivências e através disso fazer autorreflexões, mobilizar a compreensão de si próprio, inclusive se questionando e desafiando de forma autocrítica.

### **A literatura ficcional autista como artefato mediador da formação inclusiva**

O instrumento escolhido para realizar esta atividade foi o livro “O estranho caso do cachorro morto” de Mark Haddon. Este livro apresenta como protagonista um menino com autismo e descreve como ele supera os problemas de seu cotidiano, dessa maneira, o livro foi escolhido com o objetivo de dar ao aluno a possibilidade de relacionar seus próprios comportamentos aos comportamentos do protagonista. E assim, o aluno poderia expressar suas semelhanças e diferenças em relação ao personagem.

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

Nessa situação, é significativo assinalar a importância da Literatura na formação humana, pois essa forma artística da linguagem possui um caráter constitutivo e humanizador, como destaca Todorov (2009 apud WERNER, 2017)

Em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. [...] Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a Literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Em vista disso, meu objetivo quanto a escolha desse livro era alcançar essa interação entre o aluno e o personagem para que ele pudesse refletir suas atitudes. E observando o quanto as pessoas com este espectro sofriam com algumas mudanças na rotina e determinadas situações do cotidiano escolar na experiência do PIBID, procurei sondar a prática de leitura por enxergar nessa prática uma forma de refletir juntamente com o aluno sobre suas interpretações a partir do livro.

Foram realizados cinco (05) encontros de duas horas de mediação pedagógica de leitura do livro de Mark Haddon “O estranho caso do cachorro morto” (2003), livro proposto por mim em razão da temática centrada na história de um autista, conduzida inicialmente com o auxílio da professora orientadora e na presença da professora responsável pelo AEE. Como meu trabalho não foi a sala de aula então apenas percebi sua vivência escolar através do discorrido por ele.

O aluno também relatou que gostava muito de frequentar a biblioteca da escola, que esta dispunha de livros juvenis que o interessava. No entanto, também revelou que nunca havia lido livros sobre autismo, nem mesmo um livro de ficção e que não tinha aula de leitura de livro ou de literatura na escola. Pedro afirmou que tinha dificuldade em prestar atenção durante a leitura e por isso preferia realizá-las em voz alta. Após esta sondagem sobre os hábitos, interesses e características socioemocionais do aluno, adotei um livro de ficção cujo personagem protagonista era um autista Ásperger, com o intuito de conhecer a síndrome triangulada pela visão de um autista também ásperger. Na sequência, relatarei o sentido que a experiência da leitura partilhada propiciou no processo da minha constituição como professora-pesquisadora na experiência da educação inclusiva.

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

### **A experiência da leitura compartilhada**

Solé, (1998, p. 52) apud Barros e Couto (2015, p.3), afirma que “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar” este foi um dos conceitos de leitura explorados neste trabalho, uma vez que o aluno já tinha o domínio da leitura, ou seja, já sabia realizar o processo de decodificação do código. Em vista disso, explorei o processo de leitura como atividade social:

pressupõe que, quando as pessoas leem, estão executando uma série de operações mentais que vão além da decodificação e utilizam estratégias, algumas inconscientemente e outras conscientemente. Como atividade social, a leitura pressupõe a interação entre um escritor e um leitor, que estão distantes, mas que querem se comunicar (CAFIERO, 2005, p. 8) apud Barros e Couto (2015, p. 5)

Assim como explicito na citação anterior, no desenvolvimento deste trabalho houve a interação entre escritor e leitor dado que o autor do livro “O estranho caso do cachorro morto” escreve em primeira pessoa, tratando-se de um narrador-personagem com autismo. Desta forma, a interação se deu através da semelhança entre o leitor e o narrador-personagem já que ambos faziam parte do espectro do autismo.

Para a realização desta interação foi necessário o desenvolvimento de uma leitura partilhada, eu, a professora em formação inicial, realizei juntamente com minha professora orientadora e o aluno uma leitura em voz alta, com algumas pausas para perguntas reflexivas. Isso foi necessário para mim, pois a orientadora também era mãe de uma criança autista de alto funcionamento, o que me propiciou segurança para que eu pudesse levar a experiência da forma que eu planejei, isto é, de forma espontânea, seguindo meu desejo curioso sobre o autismo e a síndrome de Ásperger.

Desse modo, procurei deixar o aluno bem à vontade, adotando um conceito de leitura como fruição aos moldes da leitura familiar que se costuma fazer quando criança, onde o foco é na experiência mediada pela afetividade na relação com as letras, buscando motivar a emergência de um leitor que fosse capaz de se visualizar/identificar com o personagem da história e conseguir estabelecer relações entre as informações e vivências no e pelo texto e seus conhecimentos prévios que foram necessários durante todo o processo de significação percorrido por nós.

Quanto à leitura na rotina escolar, Pedro contou que muitas vezes na sala de aula a professora pedia para que os alunos realizassem cópias do livro didático e isso o

**LOPES, G. L.; MURAD, C. R. R. O.**

deixava nervoso, pois ele escrevia devagar e ficava atrasado em relação ao resto da sala, irritado ele disse que iniciava uma “crise” e a professora o deixava sair. Também havia vezes em que a professora pedia para que o aluno pesquisado fizesse cópias para melhorar a letra que era considerada ilegível.

Diante dessa situação é válido ressaltar que relembrei, da graduação, as considerações feitas por Wanderley Geraldi em seu livro “O texto na sala de aula”:

Para Geraldi, uma das principais modificações no âmbito escolar seria o deslocamento da posição de professor “ensinante” para a de professor mediador, o que implicaria também a transição de conteúdos engessados para práticas reais de análise, leitura e escrita. Nas palavras de Geraldi, “implantar práticas de linguagem na sala de aula é substituir um objeto dado para estudo [...] pelo convívio reflexivo com os recursos linguísticos mobilizados na produção ou na leitura de textos” Geraldi (2014,p. 215) apud Fonseca (2014, p. 485)

Assim, relacionando essa citação à situação escolar vivenciada pelo aluno, pude compreender que a modificação que Geraldi se refere ainda não foi totalmente adotada pela escola, pois a postura tida pela professora de Língua Portuguesa ao solicitar que os alunos realizassem cópias para melhorar a escrita era uma evidência de que ela ainda estava no papel de professora ensinante e não de mediadora.

Ao mesmo tempo que alcancei essa reflexão, também vivenciei o resultado do deslocamento para o papel de professora mediadora, porque pude perceber que as práticas adotadas por mim juntamente com minha orientadora, eram de mediação já que realizamos práticas reais de análise, leitura e escrita por meio de uma diversidade de interação: interação ativa com a linguagem escrita ou interação leitor-texto e leitor-autor, gerando constante construção de sentidos, interação leitor-leitor, gerando abertura para comentários, opiniões, associações, relações.

O resultado disso, para mim, como professora em formação inicial, foi maravilhoso, pois através da prática dessa experiência e da vivência de seus resultados, pude compreender como é ser uma professora/educadora mediadora, como instigar os alunos a refletirem, buscar suas próprias respostas e assim, poderei carregar essa bagagem por toda minha vida docente. Bem como cita Vigotsky (2003 apud TUNES, E.; TACCA, M.; JUNIOR, R., 2005) "Se, do ponto de vista científico, negamos que o professor tenha a capacidade mística de 'modelar a alma alheia', é precisamente porque reconhecemos que sua importância é incomensuravelmente maior"

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

Também pude observar que a postura de professor mediador na aula de Língua Portuguesa, ou no Atendimento Educacional Especializado colabora para o aumento do interesse pela leitura, o aluno se sente mais motivado com as atividades propostas, sente-se livre para expressar suas opiniões e assim desenvolve sua criatividade.

Ainda é válido ressaltar que diante da situação descrita anteriormente, também constatei que a escola, na qual a pesquisa foi desenvolvida, apresenta dificuldades para organizar as condições de acesso aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a entender as necessidades educacionais de todos os estudantes. Isso porque não levou em consideração a dificuldade do aluno em escrever rápido, a escola afim de atender as necessidades educacionais desse estudante, observando sua dificuldade poderia fornecer o conteúdo impresso quando este for muito extenso.

Após o início das leituras e da escrita do referencial teórico sobre Leitura Compartilhada, fomos a escola para conhecer o prédio, a sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e a professora que atua nesta sala. E pude ver que a sala de AEE atendia de 1 a 3 alunos por vez, usando sempre bastante trabalho manual (pinturas em tela, trabalhos com garrafas, dobraduras etc), jogos no computador e algumas fichas de exercícios. Acho válido destacar que percebi que a professora dava maior ênfase às atividades manuais, sem a preocupação com um trabalho colaborativo com outros professores de Pedro.

E diante disso, é válido destacar as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a qual descreve que:

O atendimento educacional especializado disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros. Ao longo de todo processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum (BRASIL, 2008, p.15).

À vista disso, percebi que a professora responsável pelo AEE não mantinha o atendimento articulado com a proposta pedagógica do ensino comum, e no percorrer desse curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva pude perceber por meio das leituras e vídeos disponibilizados que é fundamental que a escola disponha de um tempo entre os professores da sala de aula comum e os professores

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

responsáveis pelo AEE, para que ambos prossigam juntos elaborando e adequando as atividades necessárias.

Assim, tomando a leitura como um processo de enriquecimento curricular e como forma de ensino de linguagens e códigos específicos da comunicação, acreditei que seus benefícios poderiam ser explorados ainda mais durante as sessões de AEE como uma forma de auxiliar no desenvolvimento da interpretação, da imaginação, da socialização e do autoconhecimento do aluno Ásperger, pois ao conhecer esse aluno, ele nos relatou que não tinha muitos amigos, o que me motivou a desenvolver um trabalho mais individualizado, na sala de recurso.

### **Considerações Finais**

Este relato de experiência se propôs, como objetivo geral, relatar a medida usada por mim, durante minha formação inicial no curso de graduação em Letras, para dirimir falhas curriculares (con)formadoras. Essas falhas consistiam ao fato do currículo do curso não priorizar disciplinas de educação inclusiva. No entanto, o curso dispunha de bolsas para o PIBID e através deste programa pude ter contato com alunos autistas frequentando classes regulares, o que me fez refletir sobre a divergência entre o que é estabelecido pela Política Nacional de Educação Especial, na qual “a formação dos profissionais em educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio-cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista” e o currículo do curso de graduação em Letras.

Assim, decidi utilizar meu Trabalho de Conclusão do Curso para me dedicar a essa questão e me propus a traçar o caminho de pesquisadora de práticas pedagógicas inclusivas para autistas, realizando minha pós-graduação em Educação Profissional Tecnológica e Inclusiva.

A prática que decidi explorar em meu TCC foi a construção de um projeto de intervenção pedagógica com foco no desenvolvimento das relações sociais e estímulo à comunicação de um aluno com autismo que frequentava a sala de AEE e estava cursando a oitava série do Ensino Fundamental II. Esta prática consistiu na leitura compartilhada do livro “O estranho caso do cachorro morto” de Mark Haddon que foi realizada em 5 encontros na sala de AEE. Infelizmente não finalizamos a leitura do livro

**LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.**

por não haver tempo necessário e também por apenas com a leitura de metade do livro já ter obtido muito material para ser estudado. É válido ressaltar que é possível aprofundar ainda mais minha pesquisa ao realizar a leitura até o final do livro e também ao ser realizada com outro com essa mesma necessidade específica e observar se as opiniões, reflexões e comportamentos serão os mesmos ou divergentes.

É fundamental ressaltar que esse trabalho foi importante para os estudos e práticas da inclusão, uma vez que seu resultado foi enriquecedor para mim, como licencianda que pude ampliar meus conhecimentos nesta área, como professora que se transformou em educadora mediadora em sala de aula e que utiliza práticas de inclusão em sala de aula e cria reflexões entre os alunos da sala e também com o próprio aluno com necessidades específicas sobre seus próprios comportamentos, expondo sempre que suas necessidades específicas não são incapacitantes.

### **Referências**

BARROS, J.;COUTO, M. **E quando eu decodifico: A leitura da escola, na escola.** Alfabetização e formação profissional, Bahia, 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação.** Conselho Pleno, agosto de 2017.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Ministério da Educação, dezembro de 2014.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Ministério da Educação, janeiro de 2008.

KLIN, Ami. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral.** Yale Child Study Center. New Haven, USA, 2006.

OLIVEIRA, E.; SILVA, T.; PADILHA, M.; BOMFIM, R. **Inclusão Social: Professores preparados ou não?** POLÊMICA, Rio de Janeiro, n. 3, p. 19, 31 de março. 2012. Consultado em 01/07/2020. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3103/2224>

SANTOS, Martinha Clarete Dutra dos. **Os desafios na construção de sistemas educacionais inclusivos.** 2014. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/os-desafios-na-construcao-de-sistemas-educacionais-inclusivos/>. Acesso em: 06 maio 2020.

SILVA, Claudinei dos Santos. **Inclusão de crianças autistas no processo de leitura.** 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Pará Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2018.

SILVA, Lilian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos Santos. **O professor e o ato de ensinar**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 35, n. 126, p. 689-698, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>.

VASCONCELOS, A.; SANTOS, L.; FERRETE, A. **O modelo de reflexão - na - ação de Donald Schön na formação inicial de professores em anais completos do colóquio internacional de educação e contemporaneidade (EDUCON) em Sergipe Brasil**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, n. 2, p. 573-585, 30 de novembro de 2018. Consultado em 05/07/2020. <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11788/8040>

WERNER, Luciana Rodrigues. **A leitura literária: Um caminho para a humanização do sujeito**. In: TODOROV, Tzveram. A literatura em perigo. Florianópolis, 2017, p. 15-26.

# INICIAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

### Como citar este artigo (ABNT)

LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O. **Relato de experiência de leitura partilhada entre uma professora em formação e um aluno com Síndrome de Ásperger em sala de recurso**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 3, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

### Como citar este artigo (APA)

LOPES, G. L; MURAD, C. R. R. O. **Relato de experiência de leitura partilhada entre uma professora em formação e um aluno com Síndrome de Ásperger em sala de recurso**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

